

# DEFINIÇÕES DE CATEGORIAS TEXTUAIS: COM A PALAVRA, PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

## DEFINITIONS OF TEXTUAL CATEGORIES: WITH THE WORD, PORTUGUESE LANGUAGE TEACHERS

Max Silva da Rocha **1**  
Marcos Apolinário Barros **2**  
Eduardo Pantaleão de Moraes **3**

Mestre em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor colaborador do Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), campus Palmeira dos Índios.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9080598490942003>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6333-5532>.  
E-mail: msrletras@gmail.com

Especialista em Linguagem e Ensino, pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), campus Palmeira dos Índios. Docente de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação do município de Palmeira dos Índios.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9572017642818431>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9627-8108>.  
E-mail: salesbarrosapolinario@gmail.com

Doutor em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), campus São Miguel dos Campos.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6300329967918722>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6799-0016>.  
E-mail: epmoraisal@gmail.com

**Resumo:** Este artigo teve como principal objetivo verificar as definições pronunciadas por dois professores de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Palmeira dos Índios, Alagoas, acerca das categorias de texto, gênero, suporte, tipologia e domínio discursivo, buscando enquadrar as citadas definições nas categorias de gradação nomeadas de grau máximo, médio e zero. Para isso, buscou-se ancoragem teórica nos postulados teóricos e metodológicos da Linguística Textual, numa abordagem sociocognitivo-discursiva, tomando a linguagem enquanto um lugar de interação social. Após as teorizações dos estudos textuais, analisaram-se duas entrevistas com dois professores de Língua Portuguesa. A partir das falas de ambos os informantes, foi possível estabelecer a gradação das definições das citadas categorias textuais. A partir das análises, verificou-se que os dois professores colaboradores tiveram dificuldades em definir as categorias em destaque, razão por que se aplicou, com maior recorrência, o grau zero de definição. **Palavras-chave:** Categorias Textuais. Linguística Textual. Professores de Língua Portuguesa.

**Abstract:** This article had as main objective to verify the definitions pronounced by two teachers of Portuguese Language of the municipal education network of Palmeira dos Índios, Alagoas, about the categories of text, gender, support, typology and discursive domain, seeking to fit the mentioned definitions in the categories gradations of maximum, medium and zero degrees. For that, we sought theoretical anchoring in the theoretical and methodological postulates of Textual Linguistics, in a socio-cognitive-discursive approach, taking language as a place of social interaction. After the theorizing of textual studies, two interviews with two Portuguese language teachers were analyzed. From the statements of both informants, it was possible to establish the gradation of the definitions of the aforementioned textual categories. From the analysis, it was found that the two collaborating teachers had difficulties in defining the highlighted categories, which is why the zero degree of definition was applied with greater recurrence. **Keywords:** Textual Categories. Textual Linguistics. Portuguese Language Teachers.

## Introdução

O presente estudo se insere nos postulados teórico-metodológicos da Linguística Textual, numa vertente sociocognitivo-discursiva. Nessa concepção mais moderna, dá-se ênfase aos elementos textuais, cognitivos e discursivos que engatilham os sentidos nos mais diversos gêneros textuais orais e escritos. Assim, este artigo tem como principal objetivo verificar e graduar as definições trazidas por dois professores<sup>1</sup> de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Palmeira dos Índios, Alagoas, acerca das categorias de texto, gênero, suporte, tipologia e domínio discursivo.

Assim sendo, busca-se responder ao seguinte questionamento norteador: de que maneira professores de Língua Portuguesa definem as categorias texto, gênero, suporte, tipologia e domínio discursivo? A busca constante por essa resposta configura-se como intuito principal desta investigação. Para constituir os dados, foram realizadas duas entrevistas orais com professores de Língua Portuguesa. Os colaboradores agiram de forma espontânea, pois não havia uma combinação prévia sobre a temática pesquisada.

Outros trabalhos já foram realizados a partir do estudo das citadas categorias textuais, a exemplo de Marcuschi (2008), Rocha e Silva (2017), Koch e Elias (2016), entre outros. No entanto, em nenhum deles se encontra o estudo de definições docentes sobre as categorias textuais elencadas, muito menos com professores efetivos de Língua Portuguesa do agreste alagoano. Em um trabalho recente, Rocha e Silva (2017) mostraram várias categorias textuais e suas definições, pontuando como atuam na construção do texto. Todavia, os referidos autores não focalizaram a temática desta investigação, razão por que a torna relevante.

A partir das contribuições dos citados trabalhos e de outros, busca-se, neste estudo, proporcionar uma nova reflexão e/ou contribuição para o estudo das definições docentes acerca das categorias textuais destacadas. Nesse sentido, pretende-se compreender de que modo os informantes definem o texto, o gênero, o suporte, a tipologia e o domínio discursivo em aulas de Língua Portuguesa na rede municipal de ensino de Palmeira dos Índios, Alagoas.

O *corpus* é constituído por duas entrevistas orais gravadas com dois professores de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Palmeira dos Índios. Por questões éticas, os nomes das escolas, bem como dos informantes serão mantidos em anonimato. O entrevistador é o próprio pesquisador e os entrevistados são os docentes colaboradores. Assim, por meio da troca de turnos<sup>2</sup>, os atores sociais interagiram e produziram sentidos diversos. Após as gravações em áudio, o pesquisador procedeu à transcrição dos dados, de acordo com as normas específicas da Análise da Conversação (MARCUSCHI, 2003). Em seguida, ocorreram a verificação e gradação dos graus das definições das categorias textuais e a análise das respostas dos entrevistados.

O texto está dividido em seções: a primeira destaca as contribuições da Linguística Textual para o estudo e ensino do texto em sala de aula; a segunda aborda as definições de texto, gênero, suporte, tipologia, domínio discursivo e graus de definições; a terceira trata dos procedimentos metodológicos e análises; a quarta refere-se às considerações finais. Os passos descritos tiveram o objetivo de estudar como os informantes definem as categorias textuais elencadas para esta investigação. Além disso, verificou-se se as definições dadas pelos professores possuem um grau<sup>3</sup> máximo, médio ou zero.

## Considerações acerca da linguística textual

Este trabalho está ancorado na Linguística Textual (doravante, LT), numa vertente sociocognitivo-discursiva em que o texto é analisado de acordo com aspectos provindos da textualidade, da cognição, do discurso, do contexto de produção. Assim sendo, a LT toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos (KOCH, 2004; 2017).

---

1 Os docentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

2 O turno conversacional diz respeito ao momento de fala de cada interlocutor.

3 A ideia de trabalhar com os graus de definições parte do trabalho de mestrado de Morais (2015).

A LT fornece categorias consistentes para o estudo pormenorizado dos fenômenos textuais. Tais categorias podem se relacionar aos conceitos ou à própria análise do funcionamento dos textos. Nesse sentido, este trabalho não se detém em analisar um gênero textual específico, mas sim busca verificar como dois professores de Língua Portuguesa do agreste de Alagoas definem as categorias texto, gênero, suporte, tipologia e domínio discursivo. Provavelmente, sem o entendimento dessas categorias, o estudo do texto não se torna algo concreto, dinâmico.

Assim sendo, surgem as seguintes categorias que serão estudadas durante o decorrer deste trabalho e questionadas nas entrevistas: texto, gênero, suporte, tipologia e domínio discursivo. Busca-se verificar como os informantes (dois professores colaboradores) definem cada categoria elencada. Para essa constatação, utiliza-se a gradação dos graus máximo, médio e zero de definições, como explicado anteriormente.

### **O texto e suas especificidades**

O texto é um fenômeno multifacetado e possui várias definições a partir do campo teórico que o pesquisador se debruça. Em se tratando dos estudos de linha textual, Marcuschi (2008) define o texto como uma ação linguística de reconstrução do mundo, ou seja, o texto é uma unidade básica de significação da realidade compartilhada. Nesse sentido, todas as pessoas se comunicam por meio de textos sejam orais, escritos, imagéticos.

Para Koch e Elias (2016), o texto é um lugar de interação, negociação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos. Interação porque os interlocutores interagem e negociam os sentidos por meio da comunicação verbal e não verbal; construção interacional porque a cada troca comunicativa os sentidos vão sendo (re)construídos pelos atores sociais. Os sentidos são os mais diversos e só serão compreendidos a partir do contexto de uso, ou seja, das condições pragmáticas.

Um ponto importante e que merece destaque é o fato de não confundir o texto com o gênero. Marcuschi (2008) frisa que o texto pode ser descrito como tendo um aspecto material, ou constituir uma materialidade linguística. Em contrapartida, as funções sociais que o texto exerce são os chamados gêneros textuais. O autor assegura que o que é construído ou materializado em dada situação comunicativa é o texto, orientado pelas convenções sociais do gênero textual. Conforme o autor é possível encontrar um texto com vários gêneros imbricados ou um gênero com formato de outro.

Koch e Elias (2016) dizem que na abordagem de base interacional e sociocognitiva, o texto é entendido como uma realização que envolve interlocutores, seus objetivos e conhecimentos compartilhados. Considerando que esses interlocutores são situados sócio-histórica e culturalmente e que os conhecimentos que mobilizam são muitos e variados, é fácil supor que o texto deixa mais informações implícitas do que explícitas. Desse modo, para desvelar e acessar a essas informações implícitas, é necessário compreender os elementos pragmáticos, isto é, o contexto de produção.

Já Koch e Travaglia (2015, p. 8) expõem que o texto é entendido como uma unidade linguística concreta que é tomada pelos usuários da língua “(falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão”, podendo ser uma placa, uma imagem, uma frase, ou seja, aquilo que transmite uma informação completa pode ser considerado um texto.

### **A questão do gênero textual**

Os gêneros textuais são os textos encontrados no dia a dia e é por meio deles que os falantes realizam o processo comunicativo. Com isso, entende-se que eles são infinitos ou ao menos não se pode contá-los. Marcuschi (2008) diz que o estudo de gêneros textuais remonta à Grécia Antiga com Aristóteles, a exemplo dos gêneros judiciário, deliberativo e epidítico. Diante disso, é possível inferir que todas as ações humanas se concretizam por meio de gêneros (orais e/ou escritos).

A partir da materialização dos textos, há uma aglomeração de gêneros, os quais fazem parte do sistema de atividades humanas. Assim, é por meio dos gêneros orais e escritos que os sujeitos criticam, concordam, questionam, persuadem, negociam e produzem outros tipos de atos de fala. Com efeito, ao verbalizar, o sujeito já produz um gênero da oralidade, que é organizado socialmente com uma intencionalidade, visto que ninguém fala por falar.

O gênero é tudo aquilo que um sujeito produz enquanto ato de fala e interação verbal com o outro parceiro comunicativo, neste caso, o interlocutor. Ambos estão imersos em uma condição de produção em que há aspectos sociais, políticos, históricos, entre outros, que influenciam os dizeres e, principalmente, os seus produtores. Dessa maneira, concordando com Miller (2012, p. 43), compreende-se o gênero como uma ação social do dia a dia. A autora enfatiza que o gênero é entendido como “ação retórica recorrente” e/ou “artefato cultural”. Por isso, o gênero é considerado, de fato, uma forma de ação social quando empregado pelos falantes em situações pragmáticas.

Em se tratando do contexto de sala de aula, os gêneros são tomados como instrumento e/ou recurso didático do ensino-aprendizagem. Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), é na sala de aula que os textos, materializados em diferentes gêneros orais e/ou escritos, precisam ser estudados de uma maneira organizada e, sobretudo, sistemática. Os mesmos autores ainda lançaram a proposta de trabalhar/estudar os gêneros textuais a partir das chamadas sequências didáticas (conjunto de atividades escolares a partir de um ou mais gêneros textuais) ou os itinerários para o ensino.

Com base no exposto, o ensino de gêneros textuais tem sido apontado por uma gama de pesquisas (nacionais e internacionais) acadêmicas produzidas nas últimas décadas como um divisor de águas na educação brasileira, funcionando como desestabilizador de práticas pedagógicas tradicionais e consideradas apenas estruturalistas, conforme Bezerra (2017).

## O suporte textual

Segundo Marcuschi (2008), o suporte textual se refere aos diversos locais onde é possível encontrar certo número de gêneros textuais agrupados. Conforme o referido autor, o suporte tem uma função de portador dos mais diversos gêneros (orais e/ou escritos). Assim, entre os mais diversos suportes, é possível citar alguns como: um jornal, uma parede, uma revista, a *internet*, uma embalagem, o corpo humano, entre outros.

No entanto, entende-se que diferenciar o suporte do gênero textual não é tarefa fácil, pois se sabe que ainda há muitas divergências teóricas em relação à temática. Observa-se que o suporte ainda é algo em processo de classificação e vem sendo discutido em vários centros de pesquisa, a exemplo dos simpósios temáticos realizados em eventos acadêmicos da área de Linguística, entre outros espaços.

Não há uma decisão unívoca enquanto a diferenciação entre suporte e gênero textual. Por exemplo, muitos pesquisadores pensam que o dicionário é um suporte, mas não é, ele é um gênero textual (MARCUSCHI, 2008). Outro exemplo é o livro didático, já que alguns pesquisadores da Linguística Aplicada dizem que o livro didático é um gênero; e os pesquisadores da Linguística Textual afirmam ser um suporte textual. Esse conflito teórico está bem longe de ter um fim. Marcuschi (2008, p. 174, grifos do autor) é categórico ao afirmar que o suporte textual se refere a “[...] um *lôcus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. [...] suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto”.

Por assim dizer, compreende-se que todo gênero (oral e/ou escrito) necessita de um suporte (local físico) para ser efetivado enquanto gênero textual. Porém, sabe-se que ainda há divergências teórico-metodológicas. Diante disso, ratifica-se, neste estudo, que o suporte é entendido como aquele que faz com que um gênero seja efetivado/mostrado enquanto tal, no que respeita a um local específico de realização. Em síntese, suporte e gênero são coisas distintas, mas estão totalmente relacionadas, imbricadas.

## A tipologia textual

As tipologias textuais permitem classificar os mais diversos textos e gêneros textuais. Marcuschi (2008) diz que o tipo textual designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição. Desse modo, o tipo se caracteriza muito mais como sequências linguísticas e/ou retóricas do que como textos concretos, materializados. De forma geral, as tipologias textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas, a saber: argumentação, exposição, injunção, descrição e narração.

A *argumentação* se refere aos textos que emitem uma opinião sobre determinado tema. Dessa maneira, aparecem gêneros específicos a essa tipologia, a exemplo da entrevista, do sermão oral, do debate regrado, do artigo científico, do editorial, além de outros; na *exposição*, o objetivo principal é, como diz o próprio nome, expor alguma informação, a fim de notificar e\ou conceituar um objeto textual particular. Nessa modalidade, têm-se gêneros como: palestras, seminário, conferência, verbetes de dicionário, entre outros.

A *injunção* tem como principal característica convencer e persuadir o outro a realizar alguma ação desejada pelo sujeito enunciador. Assim, percebe-se que gêneros como a receita, a bula de remédio, o manual de instruções, o regulamento e entre outros são pertencentes a essa tipologia; na *descrição*, a ideia principal é descrever fatos e acontecimentos em volta dos interlocutores de determinado evento comunicativo. Nessa lista, surgem gêneros como diário, biografia, currículo, entre outros. E, finalmente, a *narração*, que é um uma tipologia cuja finalidade é contar uma história em que personagens, tempo, espaço estão todos imbricados. Muitas vezes, os textos são narrados em terceira ou primeira pessoa, abordando fatos reais ou imaginários. Alguns gêneros são o conto, o romance, a fábula, entre outros.

## O domínio discursivo

Retomando à Grécia Antiga, entende-se que os domínios discursivos são considerados lugares virtuais em que os gêneros estão agrupados e à disposição dos atores sociais. Como se observa em Aristóteles (2011), há uma classificação dos gêneros do discurso em judiciário, deliberativo e epidítico. No judiciário, encontram-se gêneros como a acusação, a defesa, o veredito, entre outros; no deliberativo, agrupam-se gêneros como a votação oral, as sessões plenárias, os depoimentos, entre outros; no epidítico, há gêneros como a oração fúnebre, o discurso cerimonial, o discurso comemorativo, entre outros.

Marcuschi (2008) destaca que o domínio discursivo não é a mesma coisa que o gênero textual, mas se constitui muito mais como uma esfera da atividade humana ou uma espécie de colônia de gêneros. Assim, os domínios são instâncias discursivas, a exemplo da jurídica, da jornalística, da religiosa, da política, entre outras. Verifica-se que não abrange um gênero particular, mas dá origem a vários deles em diversos espaços sociais. Com isso, os domínios discursivos “constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Diante disso, será possível verificar, nos relatos orais, se os informantes definem coerentemente conceito dos domínios discursivos ou se é algo estranho a eles. Nota-se, dessa maneira, que as terminologias encaminham os sentidos para outros possíveis significados, razão por que, às vezes, denota uma confusão de ideias, já que a expressão é composta por duas palavras: domínios e discursivos. No entanto, defende-se, neste trabalho, a importância crucial de entender como essa categoria textual possui relevância para o estudo do texto no espaço de sala de aula. Provavelmente, sem o devido entendimento, fica inviável estudar as mais diversas esferas discursivas existentes.

## Os graus de definições

Os graus de definições são categorizações hierárquicas que medem uma escala de valores dos conhecimentos textuais que podem ser em nível máximo, médio e zero. Tais graus identificam o potencial de conhecimento exposto pelos entrevistados ao serem questionados acerca de determinado assunto. Neste artigo, os níveis de definições foram aplicados às en-

trevistas feitas com os professores da rede pública com a finalidade de especificar o grau de definições dos docentes sobre questões relacionadas à natureza dos gêneros textuais, como: texto, gênero, suporte, tipologia e domínio discursivo.

Assim, de forma didática, os graus são caracterizados da seguinte maneira: *máximo* – é atribuído à resposta que traduz com perfeita conceituação as categorias textuais mencionadas anteriormente, de forma clara, coesa e precisa; o *médio* – é identificado à medida que o conceito é superficial, sem profundidade, não traduzindo na íntegra o potencial conceitual esperado; e *zero* – determina o conceito inconsistente, incoerente, não satisfazendo teoricamente ao conceito que seria aplicado.

Diante disso, tais graus demonstram a importância dos conhecimentos linguísticos na teoria e também na prática docente de professores de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino Palmeira dos Índios, pois as informações textuais conferem valor aos conteúdos ministrados, favorecendo ao aprendizado dos alunos a terem acesso às informações presentes nos diversos gêneros textuais.

### Procedimentos metodológicos e análises

Para a execução deste trabalho, foi necessário constituir o *corpus* de análise a partir de duas entrevistas orais com perguntas abertas a dois professores de Língua Portuguesa do município de Palmeira dos Índios, agreste do estado de Alagoas. Para dar seguimento à investigação empírica, utilizou-se como instrumento de pesquisa o gênero entrevista oral, uma vez que esse gênero textual “permite que o entrevistador pergunte acerca de um assunto, ouça a resposta, produza uma nova pergunta, interaja com a resposta do entrevistado e colete informações” (MELO JÚNIOR, 2017, p. 81).

O entrevistador foi o próprio pesquisador e os entrevistados foram dois professores de Língua Portuguesa do município de Palmeira dos Índios, Alagoas. Melo Júnior (2017) faz uma descrição coerente e bem consistente das tipologias das entrevistas. O referido autor mostra que existem as seguintes entrevistas: ritual, temática, testemunhal, coletiva, dialogal, individual, face a face, entre outras. Este trabalho se serviu da entrevista dialogal, visto que “é marcada com antecedência, reunindo entrevistador e entrevistado, num ambiente controlado, onde os interactantes sentam-se, sem qualquer aparato que estabeleça uma hierarquia entre ambos” (MELO JÚNIOR, 2017, p. 110).

O entrevistador combinou previamente com os informantes a data, a hora e o local em que aconteceriam as entrevistas. Outro ponto importante é que os entrevistados ficaram à vontade para responderem aos questionamentos elaborados. As perguntas foram postas da seguinte maneira: a) em sua opinião, o que é um texto? b) Como você define os gêneros textuais? c) Como você conceitua o suporte textual? d) em sua opinião, o que são as tipologias textuais? e) Como você define os domínios discursivos? A partir dessas perguntas, os docentes responderam de acordo com o conhecimento que possuíam.

O trabalho seguiu os pressupostos da pesquisa de abordagem qualitativa, pois trabalhou com as informações de modo processual e dinâmico. Nesse sentido, Oliveira (2010, p. 22) afirma: “fazer pesquisa qualitativa é analisar e interpretar os dados, refletir e explorar o que eles podem propiciar buscando regularidades para criar profundo e rico entendimento do contexto pesquisado”. Desse modo, a aplicação dos graus das definições criados por Moraes (2015) mostra como os informantes definem as categorias textuais aqui estudadas e se essas definições estão de acordo com os requisitos aqui estabelecidos.

A partir da abordagem da pesquisa qualitativa com o diálogo permanente entre os estudos de linha textual, busca-se verificar as definições e enquadrá-las nas categorias de gradação (*máximo*, *médio* e *zero*). Assim, ratifica-se que é imprescindível o (re)conhecimento das definições das categorias textuais para o trabalho com o texto no espaço de sala de aula.

### Movimento interativo 01

Neste primeiro movimento interativo, entrevistador e entrevistado dialogam por meio da díade pergunta-resposta e negociam sentidos. As perguntas foram elaboradas de forma aberta, ou seja, o entrevistado ficou livre para falar o que quisesse sobre a temática em pauta. A principal intenção da entrevista foi verificar as definições nas respostas dos colaboradores e enquadrá-las nas categorias de gradação. Eis o primeiro movimento interativo em que L1 é o entrevistador (pesquisador) e L2 o entrevistado (professor informante):

L1 – Boa tarde professor [...]

L2 – Boa tarde [...]

L1 – É:: eu queria saber como o senhor define [...] na sua opinião o que é um texto?

L2 – Texto é um elemento é:: linguístico né? um conjunto de/ linguístico que tenta passar uma informação sendo ela verbal ou não verbal [...]

L1 – Como você define o gênero textual em suas aulas de língua portuguesa?

L2 – Gênero textuais são [...] pequenos textos e tem um [...] algum objetivo né? que o falante dispõe desses textos com algum objetivo seja ele é informar [...] é:: contar [...] dar uma lição reflexiva como por exemplo a receita que tem como intuito informar instruir aconselhar [...] a fábula que tem sempre no final uma moral de vida então tex/gêneros textuais na minha concepção são pequenos textos que o falante se utiliza para estabelecer um vínculo comunicativo [...]

L1 – Certo professor [...] e em sua opinião o que são as tipologias textuais?

L2 – Eu costumo explicar para os alunos que tipologia textual são a/é a estrutura [...] o gênero tem a diversidade dos textos né? mas a tipologia é a sua estrutura como esse gênero ele é organizado [...] né? tem uma estrutura [...] uma [...] uma série de regrinhas a:: a obedecer né? pra obedecer [...]

L1 – Professor e como você conceitua os domínios discursivos?

L2 – Os domínios discursivos [...] assim [...] não tá muito claro não tenho não tenho uma concepção muito clara [...] mas quando escuto falar domínio discursivo me vem os tipos de discurso direto indireto [...] mas [...]

L1 – E a questão do suporte textual como você entende?

L2 – ((respiração prolongada)) não [...] não tenho uma definição pra suporte textual na minha concepção [...]

L1 – Okay professor [...] obrigado pela sua contribuição [...]

L2 – De nada [...]

(FRAGMENTO 1 – Fonte: *corpus* desta pesquisa).

Neste primeiro movimento interativo, o entrevistador pergunta ao entrevistado o que é um texto. Em seguida, o entrevistado responde: “Texto é um elemento é:: linguístico né? um conjunto de/linguístico que tenta passar uma informação sendo ela verbal ou não verbal [...]” (ENTREVISTADO L2). Verifica-se que o entrevistado contemplou a definição de texto, pois, realmente, conforme os estudos textuais, o texto é entendido como elemento linguístico, contém uma informação e pode ser verbal e/ou não verbal. Observa-se que o informante tem uma definição consistente da categoria texto. Assim, observa-se que a resposta do entrevistado contempla uma classificação de grau máximo de definição.

Depois, o entrevistador questiona o entrevistado sobre a conceituação de gênero textual. Este responde:

Gêneros textuais são [...] pequenos textos e tem um [...] algum objetivo né? que o falante dispõe desses textos com algum objetivo seja ele é informar [...] é:: contar [...] dar uma lição reflexiva como por exemplo a receita que tem como intuito informar instruir aconselhar [...] a fábula que que tem sempre no final uma moral de vida então tex/gêneros textuais na minha concepção são pequenos textos que o falante se utiliza para estabelecer um vínculo comunicativo [...] (ENTREVISTADO L2).

Nota-se que o entrevistado confunde o conceito de gênero textual com o de texto e com o das tipologias textuais. Apesar disso, o informante diz que os gêneros textuais são utilizados pelos falantes para efetivar a comunicação e cita alguns gêneros, a exemplo da receita e da fábula. Por essa razão, é possível atribuir o grau médio de definição.

Em seguida, o entrevistador pergunta sobre o conceito de tipologia textual e o entrevistado responde:

Eu costumo explicar para os alunos que tipologia textual são a/é a estrutura [...] o gênero tem a diversidade dos textos, né? Mas, a tipologia é a sua estrutura como esse gênero ele é organizado [...] né? tem uma estrutura [...] uma [...] uma série de regrinhas a:: a obedecer né? pra obedecer [...] (ENTREVISTADO L2).

Observa-se, na resposta do entrevistado, que há um deslize de entendimento acerca da tipologia textual. O entrevistado diz que a tipologia é a estrutura organizacional do gênero. A resposta é coerente, mas não fala sobre a narração, a exposição e as outras sequências tipológicas, o que constitui um grau médio de definição, pois não condiz com a completude da conceituação esperada.

O entrevistador pergunta ao entrevistado como ele conceitua os domínios discursivos. O entrevistado revela: “Os domínios discursivos [...] assim [...] não não tá muito claro não tenho não tenho uma concepção muito clara [...] mas quando escuto falar domínio discursivo me vem os tipos de discurso direto indireto [...] mas [...]” (ENTREVISTADO L2). A resposta do entrevistado indica que ele não tem uma conceituação sobre a categoria mencionada. Apesar disso, ele responde e a resposta não se associa à conceituação esperada, razão por que se imprime o grau zero de definição.

No final desta primeira entrevista oral, o entrevistador pergunta ao entrevistado sobre

a questão do suporte textual. O entrevistado responde: “((respiração prolongada)) não [...] não tenho uma definição pra suporte textual na minha concepção [...]” (ENTREVISTADO L2). O que se percebe, portanto, é que o entrevistado não conhece ou, provavelmente, não lembrou, no momento de fala, do que seria um suporte textual. Nesse sentido, como ele não definiu a citada categoria textual, aplica-se o grau zero de definição. Por fim, o entrevistador encerra a entrevista.

Como forma de melhor visualização, eis a seguir um quadro resumo com os graus de definições pronunciadas pelo entrevistado L2:

**Quadro 1:** Resumo da primeira análise

CATEGORIA	GRAU DE DEFINIÇÃO
Texto	Máximo
Gêneros textuais	Médio
Tipologia textual	Médio
Domínio Discursivo	Zero
Suporte textual	Zero

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

O quadro mostra que o entrevistado contemplou o grau máximo de definição quando falou sobre o texto; quando respondeu acerca dos gêneros e das tipologias obteve apenas o grau médio, por não cumprir com os requisitos da definição para ambas as categorias; assim que tratou da questão dos domínios discursivos, foi incoerente e não conseguiu definir, o que lhe conferiu um grau zero de definição; acerca do suporte textual, o entrevistado preferiu em não opinar sobre a conceituação da citada categoria e obteve o grau zero de definição.

## Movimento interativo 02

Este segundo movimento interativo tem como informante uma professora. O pesquisador (entrevistador) e a professora (entrevistada) discutiram acerca das definições das categorias textuais destacadas ao longo deste estudo. Eis o movimento interativo a seguir:

L1 Boa tarde, professora [...]

L2 Boa tarde [...]

L1 Professora, em sua opinião, o que é um texto?

L2 Um texto [...] um texto pode ser apenas uma palavra mas que tenha um sentido ou várias palavras que vão trazer um conjunto de sentido [...]

L1 Tá certo professora [...] e como você define o gênero textual em suas aulas?

L2 Gênero textual [...] o gênero eu defino assim [...] como é: você vai observar que existem vários gêneros mas a gente não vai dizer pra o aluno é: quais são os gêneros porque são uma infinidade [...] mas sim a medida que a gente vai trabalhando os gêneros a gente vai explicando a função daquele texto [...] pra que ele serve? o:: geralmente a gente trabalha muito os gêneros literários [...] mas também a gente trabalha com outros gêneros como o:: rg a certidão de nascimento pra que eles entendam e outros exemplos de gênero e a gente vai ensinando pra eles que cada um tem uma função tem uma

estrutu::ra [...]

L1 Certo professora [...] e em questão do suporte textual como você entende? O que é esse suporte textual?

L2 Seria a utilização do texto para a realização de atividades como:: [...] é trabalhar a gramática [...] trabalhar a ortografia [...] trabalhar uma infinidade de coisas [...] a questão linguística dentro do/com o uso do texto [...] seria isso?

L1 Okay professora [...] e em sua opinião o que são as tipologias textuais?

L2 A:: as tipologias textuais a gente é:: trabalha com essas tipologias é:: hoje a gente trabalha muito usando os gêneros textuais pra trabalhar as tipologias [...] por exemplo é:: na::: a narraÇÃO então a gente trabalha com contos com fábulas com infinitudes de gêneros que em que predomine a narração por exemplo [...] é:: na dissertação então a gente trabalha também com gêneros textuais em que predomina a dissertação e assim a gente vai mostrando como é a estrutura a característica dessas tipologias [...]

L1 Professora [...] como como a senhora conceitua os domínios discursivos?

L2 Hum seria eu não sei o que seria exatamente esses domínios mas eu imagino que seja assim é:: o a as variações a linguísticas [...] não sei se seria isso ou a questão do:: como foi a pergunta mesmo?

L1 Como você conceitua os domínios discursivos?

L2 Hum [...] seria o domínio da norma culta ou o domínio da norma popular [...] ou seria a questão do:: dos interlocutores dentro do texto que a gente vai observando o discurso de cada um dentro do texto [...] seria isso? Não sei [...]

L1 Okay professora [...] obrigado pela sua colaboração [...]

L2 De nada [...] (Fragmento 2 – **Fonte:** *corpus* desta pesquisa).

O entrevistador, após cumprimentar a entrevistada, inicia a entrevista perguntando o que é um texto. A informante, sem hesitar, responde: “Um texto [...] um texto pode ser apenas uma palavra, mas que tenha um sentido ou várias palavras que vão trazer um conjunto de sentido [...]” (ENTREVISTADA L2). A resposta da informante condiz parcialmente com a conceituação de texto encontrada nos estudos textuais. Nesse sentido, a resposta aponta para um grau de definição médio, pois a entrevistada apenas mencionou parcialmente a definição.

Na sequência da conversa, o entrevistador pergunta como a entrevistada define o gênero textual. Ela afirma:

Gênero textual [...] o gênero eu defino assim [...] como é:: você vai observar que existem vários gêneros mas a gente não vai

dizer pra o aluno é:: quais são os gêneros porque são uma infinidade [...] mas sim a medida que a gente vai trabalhando os gêneros a gente vai explicando a função daquele texto [...] pra que ele serve? o:: geralmente a gente trabalha muito os gêneros literários [...] mas também a gente trabalha com outros gêneros como o:: rg a certidão de nascimento pra que eles entendam e outros exemplos de gênero e a gente vai ensinando pra eles que cada um tem uma função tem uma estrutu::ra [...]" (ENTREVISTADA L2).

A amostragem da fala da entrevistada mostra decisivamente que ela não definiu o que são os gêneros textuais. Apesar de ter dito que trabalha os gêneros e, inclusive, os de vertente literária, percebe-se que ela não tem uma definição. Assim, aplica-se o grau zero de definição.

Em seguida, o entrevistador questiona acerca do suporte textual. A entrevistada insere a seguinte afirmação: "Seria a utilização do texto para a realização de atividades como: [...] é trabalhar a gramática [...] trabalhar a ortografia [...] trabalhar uma infinidade de coisas [...] a questão linguística dentro do/com o uso do texto [...] seria isso?" (ENTREVISTADA L2). Observa-se que a entrevistada não dá uma resposta decisiva e, estrategicamente, volta a pergunta para o entrevistador. Por não definir, constitui-se mais uma vez o grau zero de definição.

O entrevistador, continuando as perguntas, indaga sobre o conceito de tipologia textual. A entrevistada diz:

A:: as tipologias textuais a gente é:: trabalha com essas tipologias é:: hoje a gente trabalha muito usando os gêneros textuais pra trabalhar as tipologias [...] por exemplo é:: na::: a narração então a gente trabalha com contos com fábulas com infinitudes de gêneros que em que predomine a narração por exemplo [...] é:: na dissertação então a gente trabalha também com gêneros textuais em que predomina a dissertação e assim a gente vai mostrando como é a estrutura a característica dessas tipologias [...] (ENTREVISTADA L2).

A entrevistada mostra conhecimento sobre as tipologias textuais. Ela fala da tipologia narrativa e cita gêneros pertencentes a essa tipologia. Mesmo assim, não cunhou uma definição concreta, o que resultou no grau médio de definição, por apresentar parcialmente o que são as tipologias textuais.

Adiante, perto de finalizar a entrevista, o entrevistador pergunta sobre a conceituação dos domínios discursivos. A entrevistada ressalta: "Hum seria eu não sei o que seria exatamente esses domínios, mas eu imagino que seja assim é:: o a as variações a linguísticas [...] não sei se seria isso ou a questão do:: como foi a pergunta mesmo?" (ENTREVISTADA L2) e depois responde novamente: "Hum [...] seria o domínio da norma culta ou o domínio da norma popular [...] ou seria a questão do:: dos interlocutores dentro do texto que a gente vai observando o discurso de cada um dentro do texto [...] seria isso? Não sei [...]" (ENTREVISTADA L2). Verifica-se que, nas duas respostas, a entrevistada não contempla os requisitos da definição. No primeiro momento, ela confunde com as variações linguísticas; no segundo, com a norma culta padrão e com a popular. Assim, aplica-se o grau zero pelo fato de não contemplar a definição em sua forma completa.

Para uma melhor visualização, eis o quadro resumo com as respostas da entrevistada:

**Quadro 2.** Resumo da segunda análise

CATEGORIA	GRAU DE DEFINIÇÃO
Texto	Médio
Gênero textual	Zero

Suporte textual	Zero
Tipologias textuais	Médio
Domínio discursivo	Zero

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

O quadro mostra que a entrevistada contemplou parcialmente apenas as definições de texto e das tipologias textuais; chama a atenção o fato de que o grau máximo não foi contemplado. Assim, há a necessidade de um melhor entendimento das categorias textuais, pois não as conhecer com exatidão pode colaborar para um estudo superficial do texto.

### Discussão dos resultados

Após as entrevistas e a análise das entrevistas, foi possível perceber que existe uma problemática nas definições pronunciadas pelos entrevistados. Provavelmente, os docentes não tiveram uma formação acadêmica que mostrasse a eles as categorias textuais ora estudadas; talvez, não há, na rede básica de ensino do município de Palmeira dos Índios, formações que propiciem o conhecimento teórico-prático dos estudos de linha textual; possivelmente, os docentes não têm tempo suficiente, por causa das muitas aulas ministradas na educação básica, de pesquisar acerca das temáticas aqui estudadas. São possíveis inferências a partir dos resultados alcançados, razão por que se abrem outras possibilidades de pesquisas sobre essa temática.

Acredita-se que esses problemas em definir as categorias textuais podem ser resolvidos se existirem meios capazes de contribuir com o conhecimento dos estudos textuais, bem como apresentar discussões sobre as categorias textuais em possíveis formações na rede municipal de ensino. Minicursos, oficinas, palestras e conferências com um linguista textual podem, provavelmente, contribuir de forma eficaz para um entendimento consistente do texto, do gênero, do suporte, da tipologia e do domínio discursivo. Dessa maneira, acredita-se que os problemas poderão ser resolvidos e os docentes poderão compreender e definir as referidas categorias enquadrando-as a partir da gradação máxima.

### Considerações Finais

Este artigo teve como principal objetivo verificar e graduar as definições trazidas por dois professores de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Palmeira dos Índios, Alagoas, acerca das categorias de texto, gênero, suporte, tipologia e domínio discursivo. Por meio da análise realizada, foi possível verificar que os graus das definições utilizados pelos informantes permeiam os graus máximo, médio e zero.

No tocante ao grau máximo de definição, verificou-se que foi contemplado apenas uma única vez, na primeira entrevista, quando o entrevistado respondeu a pergunta sobre o que é um texto; no que se refere ao grau médio, observou-se que foi contemplado duas vezes na primeira entrevista, no momento em que o entrevistado falou sobre os gêneros e as tipologias textuais; e duas vezes na segunda entrevista, quando a entrevistada falou sobre texto e tipologias textuais. No que concerne ao grau zero de definição, identificou-se a ocorrência de duas vezes na primeira entrevista, no momento em que se falou do suporte textual e do domínio discursivo; e três vezes na segunda entrevista, quando se falou sobre gênero, suporte e domínio discursivo.

Por meio da análise empreendida, notou-se que o grau máximo de definição só apareceu uma vez, razão por que aponta para a inexpressiva compreensão docente das definições e conceituações das categorias provindas dos estudos de linha textual; o grau médio apareceu quatro vezes em todo o *corpus* destacado. Isso indica que os informantes têm dificuldades em definir as categorias apresentadas. No entanto, o que realmente chamou a atenção foi o fato de o grau zero de definição ter sido o mais recorrente, aparecendo cinco vezes nos pronunciamentos dos entrevistados. Sem dúvida, esse número expressivo mostra uma problemática, pois os informantes são dois professores de Língua Portuguesa e estão em pleno exercício em sala de aula.

Retomando ao questionamento norteador: de que maneira professores de Língua Portuguesa definem as categorias texto, gênero, suporte, tipologia e domínio discursivo? Verificou-se que os professores têm dificuldades em definir as referidas categorias textuais, razão por que há a necessidade de criar meios possíveis para solucionar essa problemática, a exemplo de palestras, formações, oficinas, entre outros meios.

Por fim, este artigo contribui com os estudos textuais, bem como a formação docente, pois mostrou a importância de definições de categorias-chave da Linguística Textual por parte de professores de Língua Portuguesa, enfatizando a gradação das definições.

## Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta] teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

KOCH, Ingedore. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **O texto na linguística textual**. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO JUNIOR, José Nildo Barbosa de. **As relações assimétricas na entrevista oral radiojornalística**. Maceió/AL: EDUFAL, 2017.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MORAIS, Eduardo Pantaleão de. **Uma análise retórico-textual da citação como argumento de autoridade no artigo científico**. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

OLIVEIRA, Almir Almeida de. Observação e entrevista em pesquisa qualitativa. In: **Revista FACEVV**, Vila Velha, nº 4, jan./jun. 2010, p. 22-27.

ROCHA, Max Silva da; SILVA, Margarete de Paiva. A linguística textual e a construção do texto: Um estudo sobre os fatores de textualidade. **Revista a Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 18, n. 2, maio/ago. 2017, p. 26-44.